

Desa(fios) comuns na iniciação à docência: narrativas de jovens professores/as do ensino médio público

Common challenges in teaching initiation: narratives of young public high school teachers

Desafíos comunes en la iniciación a la docencia: narrativas de jóvenes profesores de secundaria pública

Álida Angélica Alves Leal¹

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.

Geraldo Magela Pereira Leão²

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.

Resumo

O artigo analisa experiências de jovens professores/as iniciantes de escolas públicas de ensino médio com o propósito de identificar e compreender alguns desafios comuns a este grupo. Foram considerados jovens os sujeitos com até 29 anos de idade e docentes iniciantes aqueles/as com cinco anos ou menos de trabalho na profissão. O percurso metodológico consistiu na realização, transcrição e análise de vinte e cinco entrevistas narrativas com jovens professores/as iniciantes que lecionavam em escolas da rede pública estadual de ensino médio situadas em uma regional de Belo Horizonte, Minas Gerais, além da aplicação de questionários. As experiências narradas foram analisadas a partir de categorias da Sociologia do Indivíduo, da Sociologia da Experiência e de discussões sobre condição docente e iniciação à docência. Um dos desafios comuns mais agudos identificados a partir das narrativas diz respeito à entrada e à sobrevivência no mercado de trabalho. O tratamento de dados permitiu visualizar os percursos laborais e perspectivas dos/as jovens docentes iniciantes ao enfrentarem os entrecruzamentos de dois conjuntos de dilemas ou tensões: permanecer ou abandonar a docência na educação básica e, ainda, conciliar ou não a docência com o exercício de outras profissões. Foram definidas quatro categorias de análise: a) desejo de permanência duradoura na docência (carreira), b) perspectiva de continuação na docência, porém, a partir da conciliação com trabalho em outra área (pluriatividade simultânea), c) hesitação quanto à permanência ou saída da docência (indefinição) e d) perspectiva de abandono da profissão (pluriatividade sequencial).

Palavras-chave: Jovens Professores/as Iniciantes. Trabalho Docente. Condição Docente. Desafios da Iniciação à Docência.

¹ Doutorado em Conhecimento e Inclusão Social em Educação. Universidade Federal de Minas Gerais. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7438-0534>. Contato: alidaufmg@gmail.com

² Doutorado em Educação. Universidade Federal de Minas Gerais. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9894-5488>. Contato: gleao2001@gmail.com



Abstract

This article analyzes the experiences of young beginning teachers in public high schools with the purpose of identifying and understanding some common challenges to this group. Young people were considered to be those up to 29 years of age, and beginning teachers were those with 5 years or less of experience in the profession. The methodological approach consisted of conducting, transcribing and analyzing 25 narrative interviews with young beginning teachers who taught in state public high schools located in a region of Belo Horizonte, Minas Gerais, in addition to the application of questionnaires. The experiences narrated were analyzed based on analytical categories from Sociology of the Individual, the Sociology of Experience and discussions on teaching status and initiation into teaching. One of the most acute common challenges identified from the narratives concerns entry and survival in the job market. Data processing allowed us to visualize the career paths and perspectives of young beginning teachers when facing the intersections of two sets of dilemmas or tensions: to remain or abandon teaching in basic education and, also, to reconcile or not teaching with the exercise of other professions. Four categories of analysis were defined: a) desire to remain in teaching for a long time (career); b) perspective of continuing in teaching, however, based on reconciliation with work in another area (simultaneous pluriactivity); c) hesitation regarding remaining in or leaving teaching (uncertainty); and d) perspective of abandoning the profession (sequential pluriactivity).

Keywords: Young Beginner Teachers. Teaching Work. Teaching Condition. Common Challenges in Teaching Initiation.

Resumen

El artículo analiza las experiencias de jóvenes docentes principiantes en escuelas secundarias públicas con el propósito de identificar y comprender algunos desafíos comunes a este grupo. Se consideraron jóvenes los sujetos de hasta 29 años y docentes principiantes aquellos con 5 años o menos de trabajo en la profesión. El recorrido metodológico, inspirado en principios teórico-epistemológicos de la investigación con narrativas e Historia Oral, consistió en realizar, transcribir y analizar 25 entrevistas narrativas con jóvenes profesores principiantes que impartían clases en escuelas secundarias públicas estatales ubicadas en una región de Belo Horizonte, Minas Gerais, además de la aplicación de cuestionarios. Las experiencias narradas fueron analizadas a partir de categorías analíticas de la Sociología del Individuo, la Sociología de la Experiencia y las discusiones sobre el estatus docente y la iniciación a la docencia. Uno de los desafíos comunes más graves identificados en las narrativas tiene que ver con el ingreso y la supervivencia en el mercado laboral. El procesamiento de datos permitió visualizar los caminos y perspectivas de trabajo de los jóvenes docentes principiantes frente a la intersección de dos conjuntos de dilemas o tensiones: si permanecer o abandonar la docencia en la educación básica y, también, si combinar o no la docencia con el ejercicio de otras profesiones. Se definieron cuatro categorías de análisis: a) deseo de permanecer en la docencia por mucho tiempo (carrera), b) perspectiva de continuar en la docencia, sin embargo, basada en la conciliación con el trabajo en otra área (pluriactividad simultánea), c) vacilación respecto de la permanencia o salida de la docencia (indefinición) y d) perspectiva de abandono de la profesión (pluriactividad secuencial).

Palabras clave: Jóvenes Profesores Principiantes. Trabajo Docente. Condición docente. Desafíos de la iniciación a la docencia.

1 INTRODUÇÃO OU.... PUXANDO O FIO DA MEADA!

[...] Mesmo em Raíssa, cidade triste, corre um **fio invisível** que liga um ser vivo a outro por um instante e a seguir se desfaz, e depois torna a estender-se entre pontos em movimento desenhando novas rápidas figuras de modo que a cada segundo a cidade infeliz contém uma cidade feliz que nem sequer sabe que existe.

(CALVINO, 1990, p.63, grifo nosso)

Em sua obra “Cidades invísiveis”, de 1972, o escritor Ítalo Calvino apresenta a descrição fantástica de 55 cidades feita pelo viajante Marco Polo, um mercador veneziano nascido no início do século XI. Cada cidade tem o nome de uma mulher. Na epígrafe,

trazemos algumas palavras sobre a cidade de Raíssa, onde um “fio invisível” conecta as vidas ali existentes que, embora tão diferentes entre si, apresentam algo em comum.

Esta ideia de um fio, de uma linha, de algo que conecta um conjunto relativamente diverso de sujeitos nos interessa sobremaneira neste artigo haja vista que nosso objetivo consiste em apresentar um recorte de uma tese de doutorado que analisou experiências de jovens docentes iniciantes de escolas públicas de ensino médio. Nosso propósito foi o de identificar e compreender alguns desafios comuns a este grupo. Aqui, os fios da escrita literária e os “fios” contidos na categoria de análise “desafios”³ (MARTUCCELLI, 2006, 2015), são entrelaçados e transfigurados no termo desa(fios), que intitula o texto e remete a especificidades das experiências da iniciação à docência por jovens.

Realizar uma pesquisa sobre jovens docentes iniciantes se justifica, dentre outras questões, por compreendermos que docentes não devem ser considerados apenas profissionais, como se unicamente cumprissem determinado papel social (concepção parcelar). Estes sujeitos também vivem outros espaços e tempos da vida social, têm outras identidades e pertencimentos que vão além da docência (concepção ampliada) e que, portanto, devem ser consideradas nas análises. Afinal, como aponta Teixeira (1996, p. 181), “o professor é um sujeito sociocultural e parte desse sujeito é o professor”.

Pensar jovens docentes iniciantes a partir da categoria “sujeito sociocultural” implica considerar que a condição juvenil transpassa todas as suas experiências, sendo uma de suas dimensões constitutivas centrais. Suas vivências plurais de espaços e tempos sociais, suas memórias, sua existência corpórea, seu mundo simbólico, seus laços sociais, desejos e projetos são totalmente atravessados pelo fato de terem 20, 23 ou 26 anos de idade, com pequenas diferenças etárias para seus/suas estudantes de ensino médio, por exemplo. Neste sentido, parafraseando Leão (2011, p. 101), afirmamos que, “para além de professores/as, os indivíduos que aqui pesquisamos são jovens!”.

Destacamos que estudos no campo da Educação têm, com certa frequência, convidado docentes a relatarem suas percepções e opinarem sobre os comportamentos dos/as jovens com os quais convivem devido à sua profissão. Isto tem acontecido especialmente com quem leciona para o ensino médio e para a educação superior. Tais pesquisas têm enfatizado que as escolas são instituições nas quais “relações entre jovens

³ Em traduções da obra de Danilo Martuccelli no Brasil, é comum nos depararmos com o termo “prova”. Destaco que não faço uso de tal palavra, mas dos termos “provação” ou “desafio”, por acreditar que a tradução do termo “épreuve” para o espanhol “prueba” e a tradução para o português “prova” acabou ocasionando algumas incorreções e/ou mal-entendidos na interpretação desta categoria analítica; dificultando avanços na produção do conhecimento no campo da sociologia por meio do seu uso em pesquisas de naturezas diversas.

e adultos" acontecem (CARRANO, 2005, p. 161). Neste sentido, os/as jovens geralmente são entendidos como sinônimos de estudantes, representantes de uma “cultura juvenil na escola” (*op.cit.*, p.154). Professores/as e demais profissionais do ambiente escolar, por sua vez, são apontados/as como pessoas adultas, mesmo havendo pessoas jovens neste grupo. Observa-se que parte das investigações no campo da Educação, ao versar sobre juventudes, privilegia a compreensão do sujeito jovem na condição de estudante. Predomina, pois, uma concepção “adultocêntrica” sobre a figura do/a professor/a. Diante deste cenário, cabe indagar: não urge desnaturalizar a ideia de correspondência estrita e apriorística entre juventude e estudante, uma vez que, na escola, também há jovens professores/as? Afinal, o que estes sujeitos pensam a respeito de sua própria condição juvenil? Em que medida estão sendo provocados/as a pensar sobre esta questão?

Poucas são as investigações que pautam estas questões. Em nossas buscas, encontramos pesquisas como as de Fanfani (2005), que traçam o perfil docente e, neste sentido, a idade dos sujeitos é um dado relevante. Nestes estudos, embora sejam fornecidas bases para importantes reflexões sobre o tema, as idades dos/as professores/as são agrupadas de diversas formas e servem apenas para caracterizá-los como pertencentes a um ou outro grupo etário. Neste caso, não há análises sobre implicações e desdobramentos quanto ao fato de docentes serem pessoas jovens, adultas ou idosas, aspecto que chama nossa atenção no estudo aqui apresentado.

Entendemos que convidar jovens professores/as a relatarem suas experiências tendo como pressuposto central o fato de que eles e elas também são jovens pode ser uma importante inflexão no campo de estudos sobre a juventude e a docência, visando (re)conhecer suas inter-relações. Defendemos que jovens docentes, especialmente aqueles/as que estão ingressando na profissão, têm muito a dizer. Nesta pesquisa, quando 25 (vinte e cinco) jovens foram chamados a dialogar a partir da questão balizadora da pesquisa, eles e elas demonstraram seu desejo de falar sobre suas frustrações, alegrias, seus desânimos, anseios e sonhos. Além disto, evidenciaram a necessidade de terem suas vozes ouvidas e ecoadas, especialmente visando a suportes que os ajudem a se sustentar, por exemplo, no mundo do trabalho, eivado de tantas inseguranças e incertezas. É certo que suas idades e seus tempos de inserção na docência são relativamente curtos – consideramos jovens os sujeitos com até 29 anos de idade e docentes iniciantes aqueles/as com cinco anos ou menos de trabalho na profissão. Contudo, estes sujeitos são plenos da matéria prima viva da qual a narrativa se alimenta, a memória, que possibilita “narrar o que aconteceu em torno de determinada experiência” (TEIXEIRA E PÁDUA, 2002, p.03).

Tendo isto em vista, este artigo, a partir da Sociologia do Indivíduo (MARTUCCCELLI, 2006), da Sociologia da Experiência (DUBET, 1994) e de discussões sobre condição docente (FANFANI, 2005) e iniciação à docência (GATTI *et al.*, 2009), analisa experiências de jovens professores/as iniciantes de escolas públicas de ensino médio com vistas a identificar alguns aspectos referentes ao seu perfil e, também, descrever e apontar análises sobre um dos desafios comuns mais agudos identificados a partir de suas narrativas: a entrada e a sobrevivência no mercado de trabalho. O texto está estruturado nas seguintes partes: discussão teórica, percurso metodológico, resultados e discussões e, por fim, considerações finais e referências.

2 DOS FIOS TEÓRICOS DA PESQUISA

Conforme Martucelli e Singly (2012, p.11), uma das bases da Sociologia do Indivíduo consiste em compreender que “de nada serve ler os grandes processos sociais se se é incapaz de compreender a vida das pessoas: a forma como vivem, lutam e afrontam o mundo” (*op.cit.*, p.11). Tal perspectiva permite “*conhecer os indivíduos*” entendendo que suas condutas não estão restritas ao desempenho de um determinado papel social nem consistem apenas no desempenho estratégico de seus interesses e vontades pessoais; mas se constituem nos entremeios dos espaços, tempos, encontros e desencontros da/na vida social, de suas experiências. Para os autores, “mais que uma simples perspectiva de análise, que supõe teorias e métodos particulares, a Sociologia do Indivíduo é uma *sensibilidade. Intelectual e existencial*” (*op.cit.*, p.11, grifo nosso).

A noção de um “eu construído por provações” ou desafios, (*op.cit.*, p.72), conforme os autores, é, atualmente, uma das teorias, dentre outras, utilizadas para a construção de uma Sociologia do Indivíduo. Eles defendem que “a provação pode ser um importante instrumento analítico [...] na medida em que propõe uma articulação particular entre o ‘ator e o sistema’, diante da crise da ideia mesma de sociedade” (*op.cit.*, p.72).

Martuccelli (2006) explica que a vida social está cada vez mais permeada e marcada por uma série de provações (escolares, laborais, relacionais). Contudo, o conceito não remete a um desafio ou a problema vivencial qualquer, mas a um conjunto de desafios estruturais e, por isto, comuns a todos os indivíduos de um coletivo, que o percebem e respondem de maneiras variadas, conforme os diferentes suportes de que dispõem (materiais e/ou simbólicos, conscientes e/ou inconscientes, próximos e/ou distantes,ativamente estruturados ou não, passivamente impostos ou não). O autor destaca que as

provações são “desafios históricos, socialmente produzidos, culturalmente representados, desigualmente distribuídos que os indivíduos estão obrigados a enfrentar” (*op.cit.*, p.83).

Martuccelli (2015) sublinha que, em uma mobilização sociológica da noção de desafio ou provação, quatro dimensões são particularmente importantes. Em primeiro lugar, a categoria propõe um relato da pluralidade de desafios à qual o indivíduo é confrontado na sociedade moderna. Em segundo lugar, os desafios são produzidos na e pela vida social, mudando de acordo com os períodos históricos e com a sociedade. Em terceiro lugar, tal categoria propõe uma articulação particular entre os níveis micro e macro; de modo a conseguir restaurar uma série de histórias de vida coletivas, própria de um conjunto sócio-histórico, em função de provações que lhes são específicas. A este respeito, os indivíduos, devido à sua situação comum ou sua inscrição social, enfrentam um conjunto de desafios sem a possibilidade de escapatória.

Quanto ao quarto aspecto, o uso do conceito tem despertado um grande interesse quanto ao trabalho efetivo dos indivíduos; aspecto particularmente importante e significativo quando a análise tenta dar conta das situações com as quais são confrontados. A maneira como o indivíduo reage subjetivamente ao “veredito de uma provação” (*op.cit.*, p.52) e o modo como isto corrói ou protege sua personalidade e a confiança em si abre diferentes possibilidades de interpretação. O mesmo resultado diante de uma provação pode ter várias significações, objetivas e subjetivas, distintas conforme os indivíduos e suas trajetórias.

Ao articular as discussões antes realizadas com formulações do âmbito da Sociologia da Experiência propostas por Dubet (1998), Martuccelli e Singly (2012) sinalizam que, para o referido autor, todo indivíduo está submetido a uma provação permanente, traduzida na experiência social. Esta concerne a um esforço feito pelo indivíduo para combinar e articular diferentes lógicas estruturais da ação: a integração (que corresponde ao pertencimento a uma comunidade), a estratégia (que diz respeito à defesa de seus interesses) e a subjetivação (que concerne ao desenvolvimento de uma atividade crítica).

Hoje, em função de uma “crise da ideia de sociedade” e de “uma explosão estrutural das lógicas da ação”, o indivíduo é obrigado a combinar e hierarquizar as diferentes lógicas, a fim de fabricar-se como autor de sua experiência. Nesse sentido, “a experiência consiste em tentar sua articulação. [...] A única provação consiste, no fundo, em dotar-se de uma experiência articulada” (*op.cit.*, p. 75). Para Dubet (1994),

A sociologia da experiência social só pode ser uma sociologia dos atores. Ela estuda representações, emoções, condutas e as maneiras como os atores as explicam. [...] Importa então estudar a subjetividade do ator e sua atividade. Não se trata de

analisar só as suas representações, mas também os seus sentimentos e a relação que constrói consigo mesmo. (*op.cit.*, p.262-263)

Conectando tais discussões ao tema deste artigo, sublinhamos que Barrère (2015) pesquisou docentes franceses mobilizando “desafio” ou “provação” como categoria analítica. Para a autora, reconhecer os desafios comuns hoje enfrentados por professores/as, nomeando-as devidamente, permite visualizar um conjunto de experiências face aos dilemas que conectam este conjunto de sujeitos.

Pensando em docentes brasileiros, particularmente tendo em vista as narrativas dos/as jovens professores/as iniciantes aqui entrevistados/as, concordamos com Araujo e Martuccelli (2012) quando afirmam ser difícil refutar a afirmativa de que o trabalho é uma das provações sociais mais relevantes atualmente vividas por populações situadas nas mais variadas partes do globo. No caso da América Latina, isto parece ganhar contornos específicos, uma vez que é notável a “expansão de um importante setor informal e de um subemprego crônico” (MARTUCCELLI, 2010, p. 180).

Martuccelli (2010, p.181) aponta que tal contexto “foi produzido dentro da tradicional articulação entre o trabalho e o emprego” na região, isto “em meio a uma heterogeneidade de condições e de status de emprego, e em meio a uma forte segmentação dos mercados de trabalho (CEPAL, 2007, p.05)”. A flexibilidade laboral tem desestabilizado os/as trabalhadores/as de maneiras distintas, ensejando muitas situações de mal-estar e de ansiedade relatadas quanto à sua condição laboral.

O autor aponta que a especificidade marcante do trabalho na América Latina é forjada por dois aspectos centrais. Por um lado, seja nos setores modernos, tradicionais ou informais, “a experiência profissional está em quase todos os âmbitos e ofícios submetida a uma profunda vulnerabilidade” (*op.cit.*, p.184). Esta parece ser uma das marcas mais fortes no mundo do trabalho na região, especialmente após o avanço do projeto neoliberal, instaurado após a década de 1970. Por outro lado, é preciso considerar a dimensão da identidade profissional, marcada pela multiplicidade do reconhecimento por si e pelos outros em diferentes contextos laborais. Tudo isto “engendra muitas vezes trajetórias laborais ziguezagueantes ou uma pluriatividade, sequencial ou simultânea, que obriga os indivíduos a efetuarem diferentes ocupações durante sua vida laboral, reconfigurando sua dimensão identitária (ARAUJO E MARTUCCELLI, 2012, p. 184).

Quando nossa pesquisa foi realizada, no que concerne ao Brasil, Corrochano (2015, p. 30-31) destacava que a heterogeneidade das condições de emprego estava em franca expansão, embora isto não fosse novidade no país. Para ela,

os empregos protegidos do setor formal sempre se combinaram a uma grande parcela de atividades informais, comumente chamadas de “bicos” (Guimarães, 2002). Neste sentido, a realidade da grande maioria de jovens e adultos no mercado de trabalho brasileiro sempre esteve muito mais próxima da instabilidade, das idas e vindas e de um constante “se virar” para conseguir “ganhar a vida”.

Quanto aos/as jovens brasileiros/as, discute-se que mudanças no mundo do trabalho a partir da década de 1990 passaram a gerar cada vez mais inseguranças e incertezas. Nota-se que a heterogeneidade e as desigualdades marcantes na sociedade brasileira reverberam expressivamente entre estes sujeitos.

Ao tratar sobre a docência, Gatti *et al.* (2009) indicam não ser possível descolar a discussão sobre a atratividade das “carreiras profissionais” de mudanças em curso no mundo do trabalho e nos contextos políticos, econômicos, culturais e sociais na atualidade. Para as pesquisadoras, a própria noção de carreira deve ser questionada, por suas marcas de instabilidades e descontinuidades. “O trabalho, não importa qual, tornou-se um desafio para o reconhecimento de si, um tempo de incerteza e grande implicação social, que tem exigido investimento pessoal cada vez maior”. Neste sentido, sugerem pensar sobre as representações sociais das profissões que, ao associarem “status e salário”, influenciam na construção de perspectivas laborais pelos indivíduos. (*op.cit.*, p.1)

Segundo as autoras, o “processo de escolha profissional”, quando conjugado com a inserção no mundo do trabalho, tem gerado cada vez mais dilemas para a juventude. Isso ocorre porque as opções não congregam apenas atributos e desejos pessoais, mas estão engendradas no contexto social vivido pelos/as jovens, que pode restringir ou ampliar seus horizontes. Assim, o/a jovem, considerando suas circunstâncias, está imerso “por aspectos situacionais, de sua formação, [...] perspectivas de empregabilidade, renda, [...] status associado à carreira [...], autoconceito, interesses, habilidades, maturidade, valores, traços de personalidade e expectativas com relação ao futuro” (p. 1).

Com relação à atratividade docente, em particular, as autoras entreveem algumas tendências. Por um lado, há um grupo de sujeitos para os quais a opção pelo magistério é um pouco mais evidente. Por outro lado, há outro grupo para o qual a docência não se configura como uma escolha ou um desejo, estando a profissão imersa em ambiguidades, aspecto que tem chamado a atenção em várias pesquisas devido às repercussões sobre as identidades e subjetividades docentes, especialmente para os/as iniciantes no ofício.

Ao analisarem o trabalho de Jesus (2004), Gatti *et al.* (2009) chamam a atenção para o que o autor denomina de “crise das motivações” da atualidade. No caso da docência, isso se associa à perda de prestígio social da profissão, ao elevado sentimento de

desvalorização e ao baixo status, se comparado ao de outras profissões que exigem o mesmo nível de formação. O autor sinaliza, conforme registram as autoras:

a profissão docente tornou-se pouco seletiva. Muitas pessoas exercem a docência sem formação específica ou preparo profissional, ou, ainda, com preparo precário. A situação contribuiu para a base do estereótipo de que "qualquer um pode ser professor" em que "qualquer um" traz implícito o significado de desqualificação. Além disso, muitos ingressam na docência de forma transitória. Dito de outra forma: a escolha não se deu como forma de realizar um projeto previamente estabelecido, e sim como uma alternativa profissional provisória, ou a única viável em determinado momento, o que pode redundar em descompromisso, contribuindo para que a profissão se configure com a imagem social de secundária. (*op.cit.*, p.01)

Ao analisar a pesquisa realizada por Lappo (2003), Gatti e Barreto (2009) pontuam que, no grupo por ela investigado, ser docente significava uma escolha possível no início da vida profissional. Ninguém desejava ser professor/a. Por um lado, tornar-se docente aparecia como alternativa factível do sonhar-se médico, advogado, veterinário, engenheiro etc. Aqui se situa uma parcela de estudantes universitários/as, cujo ingresso em cursos de licenciatura é considerado relativamente mais acessível, embora desvinculado do interesse pelo exercício da profissão. Por outro lado, ingressar no magistério é adentrar em um trabalho possível diante da escassez ou ausência de oportunidades de trabalho nas áreas de formação de alguns/mas jovens. Muitos/as acabam migrando para a docência, fazendo dela uma atividade provisória. Aqui se situa a docência assumida como "bico" – atividade complementar ou secundária que permite aumentar os rendimentos pessoais e/ou familiares, geralmente conciliada com trabalhos em outras áreas (*op.cit.*, 2009).

Tendo isto em vista, falar sobre atratividade docente significa discutir, de modo mais amplo, aspectos ligados ao que alguns/mas autores/as têm nomeado como uma crise na formação, no trabalho e na condição docente no Brasil na contemporaneidade. Por vezes, para solucionar o problema da baixa atratividade de jovens para a docência, o que se vê são propostas governamentais visando incentivar o ingresso de jovens em cursos de licenciatura, como se o problema estivesse situado na ordem da ausência de vontade por parte desses sujeitos. Sendo assim, para sanar o suposto problema de os jovens não quererem se tornar professores/es, bastaria motivá-los para tanto. Um exemplo é a campanha "Seja um professor", veiculada pelo Ministério da Educação (Brasil, s/d) ou a mais recente proposta do governo federal denominada "Pé de meia 'Licenciatura'". Tenta-se criar soluções para um problema cujas raízes estão situadas em outras bases, o que remete à necessidade de investirmos em pesquisas sobre o que vem motivando sujeitos jovens não apenas a ingressar (ou não) na profissão, mas a construir perspectivas de abandono ou, principalmente, de permanência do magistério.

Enfatizamos que o desafio analisado neste estudo se torna mais acentuado ao contextualizarmos o trabalho docente na rede pública estadual de Minas Gerais. No estado, a reforma estatal de cunho neoliberal, efetivada pela configuração de um novo modelo regulatório de políticas educacionais, foi impulsionada na última década do século XX e aprofundada no início do século XXI com a política de governo do “Choque de gestão” (2003-2014). Disto resultou, por exemplo, o que Amorim, Salej e Barreiros (2018, p.01) denominam de um “quadro de superdesignação” docente: um elevado percentual de docentes contratados precária e temporariamente, o que escancara “problema grave existente na gestão da Educação em Minas Gerais que, sem dúvida, impacta na qualidade da educação pública”. Isto encontra reverberações nas experiências de jovens docentes iniciantes e “clama, portanto, por um redirecionamento da ação do estado no campo educacional” (*op.cit.*, p.01).

3 TESSITURAS METODOLÓGICAS

O percurso metodológico da pesquisa, inspirado em princípios teórico-epistemológicos da pesquisa com narrativas e da História Oral, consistiu na realização, transcrição e análise de 25 entrevistas narrativas (FLICK, 2004) com jovens professores/as iniciantes que lecionavam em escolas da rede pública estadual de ensino médio situadas em uma regional de Belo Horizonte, Minas Gerais, onde estava concentrado um dos maiores percentuais de docentes jovens no município. Consideramos jovens os sujeitos com até 29 anos de idade, conforme legislações vinculadas ao tema das juventudes no país (Brasil, 2013); e definimos como docentes iniciantes aqueles/as com cinco anos ou menos de trabalho na profissão, em diálogo com literatura especializada que visualiza convergência de autores/as de referência sobre o tema que utilizam este balizador temporal (ZANCHET, FAGUNDES E FACIN, 2012).

Os encontros para realização das entrevistas ocorreram no segundo semestre de 2015. As entrevistas – desde aquelas com duração mais curta, de 40 minutos, àquelas mais longas, com duração de seis horas, dividida em dois encontros – totalizaram cerca de 50 (cinquenta) horas de diálogos e 1.000 (mil) páginas de transcrição. Também foram aplicados questionários para traçar o perfil sociocultural dos/as docentes.

A pesquisa partiu de algumas interrogações: como jovens professores/as iniciantes estão vivendo a condição docente? O que é ser professor de jovens sendo, também, jovem? Quais são os contornos e traçados, desafios e possibilidades das interfaces das

condições docentes e juvenis nas vidas destes/as jovens professores/as? E se esta experiência ocorre em um contexto no qual, além de jovem, o/a professor/a também está iniciando a carreira docente, “momento ímpar de sua identidade com a profissão”? (HYPOLITO E ILHA, 2014, p. 100).

Tendo em vista que a entrevista narrativa demanda a formulação de uma única questão geradora, elaboramos uma pergunta-síntese para teste em entrevista-piloto que, depois de reformulada, foi apresentada a cada um/a dos 25 docentes participantes da pesquisa da seguinte maneira: “*o que tem sido para você a experiência de ser um/a jovem professor/a que, além de iniciante na profissão, também é jovem?*”. Entendemos que tal formulação foi apresentada “de forma ampla [e], ao mesmo tempo, de uma forma suficientemente específica para produzir o foco desejado”, como indica Flick (2004, p. 118). Por ser assim, entendemos que a escolha pela realização de entrevistas desta natureza demandou maior habilidade, atenção e sensibilidade em sua condução por parte da entrevistadora, especialmente na “sondagem da narrativa”. Ao mesmo tempo, proporcionou maior liberdade aos/às docentes, para que pudessem contar sobre suas vidas ou, como diz a canção, sobre dores e delícias de serem jovens docentes iniciantes em escolas públicas, especialmente junto a outros/as tantos/as jovens, seus/as estudantes.

Quanto às entrevistas, as falas dos/as jovens, captadas com gravadores, foram transcritas, categorizadas e analisadas por meio da análise de conteúdo (BARDIN, 1977, pp.30-31); que proporcionou identificar grandes tendências presentes no material produzido, revelando sentidos e significados presentes nas narrativas. Salientamos que a articulação agência-estrutura é um dos maiores desafios para a qualificação de pesquisas que enveredam por tal percurso analítico. A partir das narrativas, a depender do modo como tal técnica é mobilizada, a possibilidade de uma aproximação das relações entre história social e história individual pode ser potencializada, compreendida como algo não linear e não determinista. É neste encontro entre o indivíduo e a sociedade que reside o valor heurístico de tal método e abordagem.

4 COSTURANDO RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com relação ao perfil dos/as 25 jovens docentes pesquisados/as, todos/as eles/as em princípio de carreira, nota-se que parte iniciou o exercício do magistério no que denominam “escolas de periferia”. Estas moças e rapazes tinham, em média, 26 anos de idade quando participaram da pesquisa e três anos de docência. A entrada precoce no mercado de

trabalho como docente e a proximidade geracional com seus/suas jovens estudantes eram fenômenos singulares vividos por eles e elas. O grupo, em sua maioria, era composto por homens, sendo que um terço deles adentrou na profissão devido à ausência de oportunidades e/ou a precariedade da oferta de emprego em outras áreas.

A docência era uma herança familiar para muitos/as, especialmente para aqueles/as que não possuíam formação específica para atuação na área. Era reduzida a quantidade de jovens de origem social mais elevada. A maior parte dos/as jovens possuía escolaridade mais elevada que a de seus pais: todos/as possuíam alguma relação com o ensino superior. A despeito disso, é notável o déficit de formação pedagógica entre estes/as jovens. Percebeu-se alguns descompassos entre a área de formação e disciplinas ministradas, problema que, pelo menos em parte, decorre do baixo número de docentes que queiram trabalhar na educação básica na atualidade, especialmente no ensino médio; e da opção da administração pública estadual por contratações precárias e temporárias de professores/as.

Quanto ao trabalho, havia expressiva quantidade de docentes com contratos temporários e precários com a administração pública estadual – chamados à época de “designações”. Quando entrevistados/as, a maioria trabalhava em apenas uma escola e em jornadas de trabalho relativamente pequenas (até 30 horas). Entretanto, parte expressiva vivia o que Fanfani (2005, p.85) denomina de um “esquema de trabalho fragmentado”, dado que trabalhavam em diferentes turnos, lecionavam para diferentes modalidades de ensino e para grande número de turmas; além de trabalharem em diferentes escolas com contratos temporários e desempenharem outras atividades remuneradas para além da docência para complementação da renda. Enfatiza-se, ainda, elevado percentual de jovens que conciliava o trabalho e os estudos, na educação formal ou não, sendo que, para alguns e algumas, estava posta uma situação de aparente “estudo sem fim”, parafraseando Araujo e Martuccelli (2012), associada ao desejo de abandonar a docência na rede pública estadual.

De modo amplo, nota-se expressiva precarização do trabalho docente, que parece ainda mais agravada para jovens no início do magistério. Percebe-se que a maior parte dos/as jovens possuía alto grau de dependência pessoal do salário que recebiam como docentes. Em suas famílias, no entanto, a maioria destes sujeitos tinham rendimentos cuja presença no montante recebido era relativamente reduzida. Muitos/as estavam na condição de pessoas solteiras e metade já havia saído da casa dos pais, com destaque para os homens. Havia algumas evidências de que parte das jovens estava adiando alguns aspectos de sua transição para a vida adulta, especialmente o casamento, devido aos

estudos ou devido ao salário que recebiam, considerado insuficiente para o sustento de uma nova família.

Por meio da pesquisa, foi possível identificar que um dos desafios comuns mais agudos vividos pelos/as professores/as e professoras entrevistados/as foi a entrada e a sobrevivência no mercado de trabalho, denominado como um dos desafios inaugurais da iniciação à docência por jovens (ao lado do desafio das relações de convivência com colegas de trabalho e estudantes). Quando as entrevistas foram realizadas, havia três tipos de vínculos laborais específicos indicados pelos/as docentes: a) concurso público (em período de estágio probatório, uma vez que não havia nenhum docente na condição de estável, em escolas da rede estadual e, também em escolas de redes municipais de Belo Horizonte e municípios vizinhos); b) contrato temporário com escolas estaduais regulares ou colégios militares (havendo alguns jovens aprovados/as em concursos públicos para as referidas instituições, porém, ainda não nomeados/as e empossados/as em seus cargos) e c) contrato temporário com colégios particulares (embora em pequeno número)⁴.

Nesse sentido, observamos que os/as docentes estavam distribuídos/as num *continuum* que se estendia desde os vínculos laborais mais estáveis (que alcançou apenas seis jovens docentes) até os menos estáveis – que concentrou a maioria dos/as entrevistados/as. Esta parece ser uma tensão constitutiva em relação ao mundo do trabalho para jovens docentes iniciantes pesquisados/as: viver por entre a estabilidade e a instabilidade do vínculo laboral estabelecido com a administração pública estadual, sendo a instabilidade um forte elemento marcador das experiências da maioria deles e delas.

Em relação ao desafio investigado neste estudo, sublinha-se que, na literatura referente aos estudos sobre planos ou projetos de futuro de jovens, também denominados projetos de vida, consistem em perspectivas que os/as jovens erigem para suas próprias vidas, seja para o presente ou para o futuro, próximo ou distante (Velho, 2003). São construções dinâmicas, constituídas por projeções quanto a um ou mais futuros possíveis, por entre contextos, ritmos e dinâmicas sociais das vivências juvenis. São arquitetados em contextos sociais, econômicos e culturais determinados; não dependendo apenas e exclusivamente dos desejos e esforços dos sujeitos. Nesse sentido, enquanto os sujeitos vão (re)construindo seus modos de ser e estar no mundo, o fazem a partir do vislumbre daquilo que se encontra presente em seus horizontes de expectativas, mas também, e

⁴ Embora o campo tenha sido realizado em escolas públicas, parte dos/as docentes também trabalhavam em escolas privadas, embora em percentual bastante reduzido.

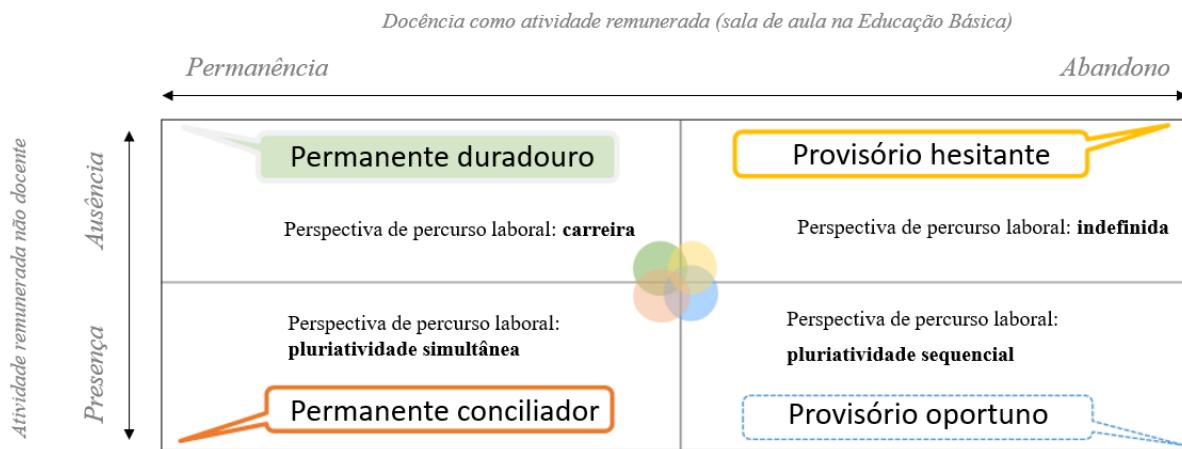
principalmente, por meio do reconhecimento daquilo que aparenta não estar a pleno alcance, dos limites socialmente postos e impostos, seus campos de possibilidades.

Sobre isso, saliento que, em todas as entrevistas, os/as jovens, além de narrarem seus percursos laborais até o momento de nosso encontro, também falaram espontaneamente sobre seus planos laborais futuros ou, quando isso não aconteceu, responderam à seguinte questão: “*E aí, professor/a, quais as suas perspectivas daqui pra frente?*”. Em suas narrativas, observamos que a construção de tais perspectivas era experienciada por eles/as como um tenso e intenso intercâmbio entre as histórias pessoais e sociais. Uma construção eivada de desejos e contingências, vontades e determinações, mais ou menos consistentes e flexíveis, vividas geralmente ao mesmo tempo em que esses sujeitos exerciam seu ofício como professores/as. As perspectivas em relação à permanência e ao abandono da docência pareciam ser construções permanentes na vida dos/as jovens docentes iniciantes, ora se apresentando com mais intensidade, ora com menos intensidade. Enquanto trabalhavam, eles/as estavam continuamente ressignificando o trabalho que realizavam, repensando seus sentidos e, também, indagando se era aquilo mesmo que desejavam fazer por longos e longos anos, ou até mesmo pelo resto de suas vidas, como disse uma entrevistada. Ao observarem os/as colegas de trabalho, especialmente das gerações mais antigas, muitos/as acabavam se projetando, como espelhos com imagens mais ou menos distorcidas, o que despertava ainda mais reflexões sobre seus planos vindouros.

Sobre as perspectivas relativas à profissão, foram observados muitos matizes e experiências singulares. A despeito disso, os relatos de alguns/mas professores/as foram bastante próximos entre si, o que permite algumas categorizações. Nas narrativas, foi possível visualizar duas ordens de questões. Por um lado, a tensão constituída por entre permanecer ou abandonar a docência na educação básica e, por outro lado, a perspectiva de conciliar ou não o magistério com outras atividades remuneradas não docentes.

Tendo isto em vista, o tratamento de dados permitiu visualizar os percursos laborais e perspectivas dos/as docentes pesquisados/as ao enfrentarem os entrecruzamentos destes dois conjuntos de tensões. A partir disto, os/as jovens foram classificados/as em quatro grupos, sendo definidas quatro categorias de análise: a) desejo de permanência duradoura na docência (carreira), b) perspectiva de continuação na docência, porém, a partir da conciliação com trabalho em outra área (pluriatividade simultânea), c) hesitação quanto à permanência ou saída da docência (indefinição) e d) perspectiva de abandono da profissão (pluriatividade sequencial). A conjugação das tensões supramencionadas e das categorias acima apontadas foram organizadas na Figura 1:

Figura 01: Perspectivas de percursos laborais de jovens docentes iniciantes na docência na Educação Básica.



Fonte: Elaborado pela autora com base nas narrativas dos/as jovens entrevistados/as.

Entendemos que os/as docentes construíram suas experiências circulando dentro e entre as categorias, mobilizando as várias lógicas da ação – da integração, estratégica e da subjetivação (DUBET, 1994). Foram identificadas, em grande medida, mobilizações estratégicas dos sujeitos visando à uma permanência mais qualificada no campo da Educação (por meio de concursos ou do ingresso na Pós-graduação) ou ao afastamento da docência (no caso de docentes que conciliavam o magistério com empregos em outras áreas). A seguir, cada categoria é apresentada e brevemente analisada, em ordem decrescente de concentração de sujeitos em cada uma delas:

a) **Permanente duradouro**: agrupa jovens docentes iniciantes que tinham a perspectiva de permanecer de modo duradouro na docência na educação básica. Seus planos estavam relacionados à consolidação de seus percursos na carreira docente. Esse foi o perfil que mais concentrou os sujeitos aqui pesquisados, chegando a mais de um terço do total (dez jovens). Tal achado vai à contramão da indicação de que “ninguém deseja ser professor/as” e/ou de que “ninguém quer continuar na profissão”, como encontrado, por exemplo, na pesquisa de Lappo (2003) mencionada por Gatti et al. (2009). Neste grupo, estavam oito docentes licenciados/as, incluindo quatro concursados/as, e dois não licenciados/as;

b) **Provisório oportuno**: agrupa jovens que tinham o projeto de abandonar a docência na educação básica, partindo para outras atividades remuneradas, situadas ou não no campo da educação. Sua pretensão consistia em permanecer na docência na educação básica até conseguir outra oportunidade de trabalho melhor, ou seja, mais bem

remunerada e socialmente valorizada. Seus planos estavam vinculados à “pluriatividade sequencial”. (ARAUJO E MARTUCCHELLI, 2012). Esse foi o segundo perfil que mais concentrou jovens, chegando a cerca de um terço do total (oito sujeitos). É um perfil que confirma descobertas de pesquisas em que parte dos/as jovens considera a profissão docente um território de passagem. É o mais complexo para análise. Isso porque alguns sujeitos expressavam ambiguidades em suas narrativas. A partir desta categoria, visualizam-se importantes desdobramentos das atuais transformações no mundo do trabalho e suas reverberações entre o público juvenil, com destaque para os efeitos da desprofissionalização, da precarização e da desvalorização do trabalho docente. Para alguns sujeitos, refutando os achados de HUBERMAN (1992), a perspectiva de abandono da docência não se configurava como um “desinvestimento sereno” nem sequer em um “desinvestimento amargo” da profissão. Trata-se de um desinvestimento relativamente lamentável e pesaroso, dado que gostariam de permanecer dando aulas. Porém, não viam na profissão perspectivas de melhoria de sua qualidade de vida. Neste grupo, havia quatro licenciados/as (um deles recém-ingresso no mestrado), três não licenciados/as e um que interrompeu a licenciatura para cursar o bacharelado, embora estivesse lecionando;

c) **Provisório hesitante:** contempla jovens docentes iniciantes que ainda não tinham plano definido, apresentando muitas dúvidas sobre seu futuro laboral. Alguns/mas realizavam trabalhos em outras áreas, até mesmo para testar se alguma mudança era viável e se apresentavam vantagens em relação à docência. Até que se decidissem, pretendiam permanecer na docência na educação básica. Esse perfil foi pouco mencionado pelos jovens (quatro sujeitos). Notava-se grande angústia nos relatos e casos de sofrimento mental. Destaca-se que todos eram licenciados/as, portanto, prepararam-se para serem professores/as e alguns demonstravam muito compromisso com a educação pública das juventudes;

d) **Permanente conciliador:** docente que planejava permanecer de modo duradouro na docência na educação básica, contudo, para manter suas condições de vida e os padrões de consumo, conciliava o magistério com outra atividade cuja remuneração era mais elevada, fora da área da educação ou dentro dela (escolas privadas e/ou educação superior). Seus planos estavam relacionados à “pluriatividade simultânea” (ARAUJO E MARTUCCHELLI, 2012). É o perfil no qual a docência tinha maiores chances de ser vivida como um “bico”. Foi pouco mencionado (três jovens), sendo dois deles/as licenciados (uma docente com mestrado) e um deles não licenciado, com graduação em outra área.

Nota-se que, entre os/as docentes categorizados como “provisórios oportunos” e “provisórios hesitantes”, estavam os/as jovens que mais investiam nos estudos. Sejam os/as não licenciados, que investiam em cursos de graduação em outras áreas, sejam os/as mestrandos/as, que visavam o ingresso no magistério no ensino superior, sejam os chamados “concurseiros/as”, eles/as eram os/as que mais se ressentiam da ausência de tempo e da intensificação dos ritmos em suas vidas devido à conciliação de estudo e trabalho.

De modo geral, saliento que o quadro apresentado contém apenas agrupamentos que nos permitiram visualizar experiências e trajetórias dos/as docentes pesquisados/as para efeitos de análise. Há que se ter em conta, portanto, o caráter provisório de tais classificações. Nesse sentido, para Martuccelli (2007, p. 182), os atores podem, “segundo o grau das circunstâncias ou de funções, passar de uma para outra [classificação]. Neste sentido, é preciso compreender tais figuras mais como um *continuum* de graus que como uma ruptura demasiado esquemática”. Mesmo considerando as insuficiências, concordamos com o autor de que a produção de distinções “segue sendo uma exigência inevitável do pensamento social. E, sem cair no laço das representações falsamente generalizadoras, é difícil não estabelecer, pelo menos, algumas relações entre certas posições sociais e um ou outro destes cruzamentos.” (*op.cit.*, p. 182)

Em uma análise mais ampla do que foi exposto, foi possível perceber, em várias narrativas, que a maior parte dos/as jovens docentes entrevistados/as estavam em permanente busca de uma oportunidade melhor no mercado de trabalho, a fim de apurar um pouco ou até mesmo mudar, de modo um pouco mais radical, suas vidas: por dentro, a partir e para além da profissão docente, com trânsito para outras áreas de atuação. Com base em Martuccelli (2010, p. 264-265), é possível compreender que esses sentimentos ou desejos de mudanças são resultado da combinação de uma “dupla realidade” hoje enfrentada pelos indivíduos na América Latina, qual seja, da “vulnerabilidade e da instabilidade mais ou menos constantes das posições sociais”. Parece que esta é uma tensão central que hoje está em jogo no marco das experiências sociais nesta região do globo e encontra lastro nas vidas dos jovens/as professores investigados neste estudo. O autor explica que a vulnerabilidade diz respeito ao fato de que as “posições sociais, em suas dimensões objetiva e subjetiva, são percebidas como sendo particularmente abertas e expostas. Ninguém está, no fundo, definitivamente protegido dos riscos”. Por outro lado, mesmo quando a vulnerabilidade não está “na ordem do dia” – quando se tem um emprego

protegido –, parece que “subjaz um sentimento particular de instabilidade, de fragilidade, de inconsistência”. (*op.cit.*, p.265) Há, pois, um temor e uma ansiedade sempre em questão.

O sociólogo destaca que essa ansiedade não é alheia a grandes transformações sociohistóricas no mundo do trabalho no contexto latino-americano, especialmente diante de um “trânsito forçado de um bom número de assalariados do setor formal público e privado para setores informais, vulneráveis ou precários” (*op.cit.*, p.268). No caso em análise, há um ingresso no que podemos nomear de um “setor informal público”, marcado por contratos temporários e precários, vivenciados por grande parte dos/as jovens investigados/as. Uma marca da jovialidade na docência no ensino médio estudado.

Para Martuccelli (2010, p.268), essa “instabilidade estrutural” estaria obrigando os indivíduos a uma atitude de permanente “vigília”, para protegerem-se dos riscos que tal condição apresenta. “O importante é estar pronto” para enfrentar tal desafio e fazer suas apostas neste jogo, para “se manter pelo menos equilibrado neste mundo inconsistente”. Nos percursos dos/as jovens aqui pesquisados/as, tais apostas envolveram avaliar a viabilidade, os riscos e as possibilidades relativas ao ingresso, permanência ou abandono da profissão docente. Entrar, permanecer ou abandonar o magistério e, ao mesmo tempo, conciliar ou não com outros trabalhos, é, de modo mais amplo, um desafio estratégico para estes sujeitos em um contexto de intensificação da precarização do trabalho, especialmente a partir da década de 1990 na América Latina, aspecto que se mostra mais agudo para as juventudes, especialmente das camadas populares.

5 ALINHAVOS FINAIS

Por meio do estudo, dentre os “fios” que ligam os jovens professores/as iniciantes pesquisados/as, analisamos um dos desafios comuns mais agudos vividos por eles e elas: a entrada e sobrevivência no mercado de trabalho. Este desafio se conecta a outros, se desdobra e está perpassado por outros desafios, sendo enfrentado de modos singulares pelos/as sujeitos. De modo geral, entendemos que a problemática abordada na pesquisa é da maior relevância para o campo das Ciências Sociais e dos estudos sobre a docência, especialmente para a compreensão das experiências de jovens docentes iniciantes que, tal como os sujeitos aqui entrevistados/as, estão nas escolas (des)construindo suas apostas em relação à profissão docente.

Ao investigar o referido desafio, é possível entrever demandas específicas dos/as jovens docentes iniciantes, seja por meio da maneira como lidam com as situações difíceis que para eles/as se apresentam, seja por meio dos suportes que mobilizam para enfrentar

os desafios. De modo especial, sublinhamos que as precárias condições de trabalho se inscrevem na transição para a vida adulta dos sujeitos pesquisados, cujas portas de entrada se encontram cada vez mais em mutação. Uma clivagem importante evidenciada pelo estudo consiste no fato de que, para uma parte dos/as jovens, mesmo em condições relativamente precárias, o ingresso na profissão docente tem favorecido a passagem para a vida adulta, resvalando em satisfação, bem-estar e realização pessoal. Para outra parte, no entanto, o trânsito para a vida adulta tem sido postergado ou impactado pela precariedade da profissão, a sublinhar o vínculo laboral precário e temporário, além do salário, aspectos que geram incômodo, ansiedade e frustração. Esses são aspectos que, juntamente com outros, levam à configuração do magistério na educação básica como uma profissão na qual os/as jovens vivem o dilema ou a tensão entre permanecer ou abandonar, associadas à hesitação se devem ou não conciliar a docência com empregos em outras áreas, principalmente ao avaliarem se e/ou como a docência permite alcançar seus planos de futuro ou projetos de vida.

Neste sentido, cabe sinalizar que, para além da necessária e urgente melhoria das condições de trabalho, completamente precarizadas para boa parte dos/as jovens docentes iniciantes na rede pública pesquisada, é preciso apontar para a necessidade da constituição de políticas de caráter multisetorial e interinstitucional calcadas em redes de sociabilidade, convivência e trocas, balizadas pelas demandas heterogêneas apresentadas por estes sujeitos. Desa(fios) enfrentados por jovens docentes iniciantes exigem proposituras eivadas de compromisso ético e político com as novas gerações – compostas por jovens docentes iniciantes, jovens estudantes e, também, jovens que foram “expulsos/as” da escola, dentre os/as quais também se encontram jovens professores/as que desistiram da profissão. Urge o fortalecimento da luta pela garantia dos direitos das juventudes: à educação de qualidade e socialmente referenciada, ao trabalho decente, à emancipação humana, à justiça social e a uma vida digna, na perspectiva do bem-viver.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, M. A.; SALEJ, A. P.; BARREIROS, B. B. C.. “Superdesignação” de professores na rede estadual de ensino de Minas Gerais. **Revista Brasileira de Educação**, v. 23, 2018.
- ARAUJO, Kathya; MARTUCCELLI, Danilo. **Desafíos comunes**: Retrato de La sociedad chilena y sus individuos. Tomo 2. Santiago: LOM Ediciones, 2012.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA, 2009.

BARRÈRE, Anne. Le travail enseignant. In: _____. **Travailler à l'école**. Collection: Le sens social. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2004, p. 89-125.

BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. **Estatuto da Juventude**. Brasília: Diário Oficial da União, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação: **Seja um professor**. s/d. Disponível em: <http://sejaumprofessor.mec.gov.br/>, Acesso em: 19 dez. 2024

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

CARRANO, Paulo. Identidades juvenis e escola. In: **Construção coletiva**: contribuições à educação de jovens e adultos. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005, 362p.

CORROCHANO, Maria Carla. **O trabalho e sua ausência**: narrativas de jovens do Programa Bolsa Trabalho no município de São Paulo. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, USP, 2008.

DUBET, François. **Sociologia da Experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

FANFANI, Emílio Tenti. **La condición docente**: análisis comparado de La Argentina, Brasil, Perú y Uruguay. Buenos Aires: Siglo XII Editores Argentina, 2005.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004

GATTI, Bernadete Angelina e BARRETO, Elba Siqueira de Sá (Org.). **Professores do Brasil**: impasses e desafios. Brasília: UNESCO, 2009.

HYPOLITO, Álvaro Moreira e ILHA, Franciele Roos da Silva. O trabalho docente no início da carreira e sua contribuição para o desenvolvimento profissional do professor. **Práxis Educacional**. Vitória da Conquista v. 10, n. 17 p. 99-116 jul./dez. 2014

HUBERMAN, Michael. O ciclo da vida profissional dos professores. In: NÓVOA, Antônio. **Vidas de professores**. Lisboa: Porto Editora, 1992, p.31-61.

LEÃO, Geraldo Magela Pereira. *Juventude*. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L.M.F. **Dicionário**: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/ Faculdade de Educação, 2010.

MARTUCELLI, Danilo. **¿Existen individuos en el sur?** Santiago de Chile: LOM ediciones, 331 p., 2010.

MARTUCELLI, Danilo. **Gramáticas del individuo**. Buenos Aires: Losada, 2007

MARTUCELLI, Danilo. **Lecciones de Sociología del individuo**. 2006. Disponível em: <http://repositorio.pucp.edu.pe/index/handle/123456789/52674>, Acesso em: 19 dez. 2024.

MARTUCELLI, Danilo. **Les deux voies de la notion d'épreuve en sociologie**. Sociologie [online], N°1, vol. 6, 2015. Disponível em: <http://sociologie.revues.org/2435>, Acesso em: 19 dez. 2024.

MARTUCELLI, Danilo. e SINGLY, François. **Las sociologías del individuo**. Santiago, LOM, 2012.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. Os professores como sujeitos socioculturais. In: DAYRELL, Juarez (Org.). **Múltiplos Olhares sobre a Educação e a Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996. p.179-194.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; PÁDUA, Karla Cunha. Virtualidades e alcances da entrevista narrativa. **II Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)Biográfica (II CIPA)**, Salvador: 2002

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose** – Antropologia das Sociedades Complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

ZANCHET, Beatriz Boésio; FAGUNDES, Mauricio; FACIN, Helenara Plaszewski. Motivações, primeiras experiências desafios: o que expressam os docentes universitários iniciantes? **Formação Docente**, v.4, p. 84-97, 2012.